



## **O OLHAR DE FLORA TRISTAN SOBRE A AMÉRICA LATINA: DESLOCAMENTOS, DESCOBERTAS E LEITURAS DA CONDIÇÃO FEMININA**

Maria Inês Amarante <sup>1</sup>

### *Introdução*

É tarefa difícil destacar a vida de Flora Tristan de sua produção literária, pois como lembra Desanti (1973: 15), "fazer abstração do que foi vivido é impossível quando a vida constitui a matéria prima mesmo do pensamento e da obra."

A história pessoal da escritora, reflexo da condição feminina da época, é marcada por acontecimentos que a levam ao sentimento de exclusão. Nascida em Paris no dia 7 de abril de 1803, era filha ilegítima de um militar da aristocracia espanhola, oriundo do Peru e uma mãe burguesa refugiada na Espanha após a Revolução Francesa. Os primeiros anos de sua vida foram confortáveis, mas com a morte do pai passa a viver com a mãe em um dos bairros mais pobres da cidade. Ainda adolescente, começa a trabalhar e, aos dezoito anos, casa-se com o patrão, André Chazal com quem vive inúmeros conflitos, cujo desfecho, quatro anos depois, é a separação antes do nascimento de seu terceiro filho<sup>2</sup>. O fracasso total de seu casamento e a disputa pela guarda das crianças a levam a buscar novos horizontes.

Na França, como lembra Jean-Paul Aron (1984: 7), sob o Antigo Regime e na aristocracia, a mulher "goza de privilégios compensatórios" face aos constrangimentos como um casamento forçado, a passividade e o internamento em conventos. A Revolução traz "a ideologia dos escriturários, dos funcionários e dos negociantes" e "a mulher é vítima de um programa de constrangimentos e vilanias", como no caso de Flora Tristan.

Muitas razões a levaram a deixar a França e viajar para a América Latina, onde se encontrava a família paterna. Alguns autores afirmam que ela buscava a fortuna, outros que procurava a figura do pai, o que lhe traria a legitimação social. O fato é que, cansada de fugir, confia a filha a uma preceptora e segue de navio em busca de outro destino, numa longa travessia.

---

1 Doutoranda da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. E-mail: inesamarante@ig.com.br

2 O divórcio, introduzido pela Revolução Francesa em 1792, foi limitado pelo Império em 1803 até ser abolido, em 1816. O direito das mães era pouco considerado perante a autoridade paterna.



Se ao partir ela se autodenomina “pária”<sup>3</sup>, ao voltar, com um diário em mãos, ela já era escritora. Redigir diários, como lembra Perrot (2008: 29-30) “era um exercício recomendado principalmente pela igreja, que o considerava um instrumento de direção de consciência e de controle pessoal”. O diário de Flora está repleto de revelações sobre a condição feminina dos lugares por onde passou. De La Praya, na costa africana, ao Peru recém-liberto da tutela espanhola, nada escapa a seu olhar sobre a vida social e política. Com um singular poder de observação, ela capta o cotidiano das mulheres, dos escravos e senhores.

O Peru vivia sua independência do jugo espanhol há dez anos quando Flora desembarcou, mas ainda conservava uma estrutura feudal. A instabilidade política dominava, as lutas intestinas pelo poder eram moeda corrente. As intrigas, revoltas militares, dissoluções de convenções constitucionais em proveito de certas classes, faziam parte do cotidiano dos peruanos.

Segundo Cucho (1985: 102), a sociedade peruana era baseada num sistema de grandes plantações dirigidas pelos crioulos<sup>4</sup> que se opunham a outro grupo étnico, os negros, trazidos como escravos para trabalhar nestas plantações, bem como a outros escravos alforriados, em sua maioria, mestiços. Os índios, verdadeiros camponeses do Peru, eram pouco numerosos na zona costeira, mas bem representados em Arequipa, reduto dos Tristans (TRISTAN, 2000: 263). A classe crioula era extremamente hierarquizada, a elite sendo constituída pelos descendentes diretos dos conquistadores espanhóis. É dela que Flora Tristan se aproximaria mais.

A visitante talvez ignorasse que a ideologia patriarcal, importada de uma Europa em plena transição do regime monárquico ao do capitalismo mercantil, tivesse se solidificado na mentalidade latinoamericana durante a dominação colonial. A independência das colônias em nada tinha melhorado a condição da mulher. Contudo, o processo histórico dessa opressão era bem diferente do que conhecera, pois dependia das variações étnicas da população, dentro do sistema escravocrata. Os retratos das mulheres que encontrará durante sua permanência nos permitem conhecer os tipos de opressão aos quais eram expostas.

### *Deslocamentos do olhar: as mulheres de Flora*

---

3 Segundo Eleni Varikas (1988: 4), « o processo de formação de uma consciência feminista não pode ser apreendido sem levar-se em conta os termos que as mulheres utilizavam para exprimir sua opressão enquanto grupo social ». O termo « pária » designava qualquer pessoa desprezada e afastada do grupo e, para a autora, apesar de associado a uma situação de opressão, ele "comporta igualmente a idéia de uma percepção subjetiva e cultural que a sociedade mantém em relação aos excluídos." Este termo será utilizado pelos românticos para designar o povo, os prisioneiros, os condenados, as mulheres e, mais tarde, os proletários.

4 Brancos de origem européia.



Desde seu desembarque, a viajante observa e escreve sobre as mulheres. Inicialmente, fala das chilenas, que considera "excelentes domésticas, laboriosas e sedentárias" (TRISTAN, 2000: 156), qualidades que suscitam a admiração dos europeus que as desposam. Aos olhos da escritora, no entanto, elas parecem possuir "maneiras rudes e altivas" e serem pessoas apagadas e desprovidas de um bom gosto ao trajar. Certamente, é a maneira que encontrara de depreciar a domesticidade, considerada primordial na sociedade patriarcal tradicional, além da beleza, maternidade e fidelidade.

Em seguida, dedica-se às observações sobre as mulheres de sua família, movida pela humilhação que sente depois que o tio, Dom Pio, lhe confere o estatuto de sobrinha "natural", recusando-lhe o direito à herança deixada pela avó, que acabara de falecer.

Sobre a prima, Carmen Pierola de Florez, comenta que tinha (TRISTAN, 2000: 213-4) "um caráter notabilíssimo (...) era orgulhosa e altiva", mas era prudente e muito política. Em Arequipa, mantém com ela intermináveis conversações e compreende as razões desse comportamento. Carmen trazia no rosto marcas de varíola e, no coração, grandes tristezas. Órfã em tenra idade vivera com uma tia que não lhe dedicava a mínima ternura. Para escapar a esse destino, casou-se com um primo bonito e libertino, atraído pelo dote da noiva, e com ele conheceu os piores anos da sua vida. Mesmo ultrajada pelas humilhações, foi obrigada pela família a suportá-lo com resignação até a viuvez. Pobre e endividada, com um filho nos braços, dona Carmen voltou a depender da tia.

Para Flora, a prima (2000: 215) buscava alento na opulência, sem preencher o vazio de sua existência, reprimindo uma revolta flagrante. Com escravos ao seu serviço, ocupava-se de futilidades e conversas frívolas. Condenada a viver, perpetuamente, neste "execrável país", como qualificava o Peru, confessará à prima estrangeira:

Todo ser privado de fortuna depende de outrem, é escravo, e deve viver onde o seu dono o amarra. (...) bem se vê que não foi submetida ao jugo humilhante de um marido duro, tirânico, obrigada a se curvar diante de suas vontades caprichosas, a suportar suas injustiças, seus desdêns, seus ultrajes; também não foi dominada por uma família altiva, poderosa, nem exposta à negra maldade dos homens. (...) Para ter uma justa idéia do abismo de dor no qual a mulher é condenada a viver, é preciso ser ou ter sido casada. Oh! Florita! o casamento é o único inferno que reconheço (TRISTAN, 2000: 220-22).

Estas palavras pronunciadas com tanta sinceridade revelaram a Flora uma submissão feminina sem fronteiras: "Aqui, pensei, as mulheres são, pois, pelo casamento, tão infelizes quanto na França; também encontram, nesse elo, a opressão, e a inteligência com que Deus as dotou permanece inerte e estéril" (TRISTAN, 2000: 222).

Já a esposa de Dom Pio, dona Joaquina de Florez, trazia a amargura em seu rosto cheio de brilho. Por imposição da família havia sido obrigada a casar-se aos quinze anos. Flora reconhece



nela um grande talento, que compara ao de Madame de Maintenon e acredita que, por suas capacidades, teria podido aparecer como um dos personagens mais notáveis da época. Mas era nos quatro muros de sua casa que dona Joaquina exercia esses talentos, conservando em si uma ambição e um egoísmo desmesurados que tentava esconder pela prática da filantropia. Para Flora, essa era "uma forma de fazer calar o remorso" (TRISTAN, 2000: 286). Será implacável com a tia por ela oferecer aos pobres apenas suaves palavras, que não aliviavam em nada a miséria em que viviam, como sua imensa fortuna o teria permitido.

Se a vida monástica no Peru, em certas circunstâncias, representava um espaço de liberdade e independência às mulheres que renunciavam ao casamento, ela podia também simbolizar uma condenação perpétua. Durante a guerra civil em Arequipa, a escritora conhece dois conventos, ambos da ordem das carmelitas, onde nota uma "aristocracia das riquezas", tão comum na sociedade peruana.

O convento de Santa Rosa a impressiona, pois ali descobre a triste história de um parente, a "monja" Dominga, que passara mais de oito anos nas catacumbas onde as freiras faziam votos de silêncio, pobreza e se dedicavam apenas à oração perpétua. Dominga, jovem e bonita, havia optado pela vida religiosa por necessidade de um refúgio após o abandono do noivo. Não podendo suportar o desprezo da sociedade, viu-se sufocada sob os hábitos que fora obrigada a vestir. Viveu assim durante longos anos na esperança de, um dia, reencontrar a liberdade fugindo do convento, mas paga um alto preço: a sociedade a rejeita como se estivesse (TRISTAN, 2000: 365) "possuída pelo demônio", levando-a a um novo isolamento e reclusão. Flora vai visitá-la às escondidas e vê que ninguém ousava fazê-lo por "fanáticos preconceitos" (2000: 357). Considerada para sempre a "monja" de Santa Rosa, Dominga sonhava com uma nova fuga para terras longínquas, pelas mãos de um pretendente.

Porém, a viajante conhecerá mulheres mais felizes, entre elas a prima Manuela de Florez de Althaus, que destoa de outros parentes pela cultura, generosidade e sensibilidade fora do comum. Era bonita, elegante e culta: falava e lia francês e era desprovida de superficialidade. Encontrara a felicidade no casamento e mantinha com o marido longas correspondências quando este partia em campanha militar. Em Lima, Flora se aproxima da bela tia Manuela de Tristan, dotada de uma linda voz para o canto que aperfeiçoava com um professor. Conhece também Riva Agüero, uma holandesa digna de admiração pela coragem diante das infelicidades que havia sofrido e Madame Denuelle, sua hospedeira francesa, a quem dirige elogios pela maneira como havia enfrentado os



preconceitos sociais dos quais fora vítima na França, quando da decadência de sua carreira de cantora lírica.

A história do Peru é igualmente atrelada à Pencha de Gamarra e, num país onde poucas mulheres marcaram presença política, o destino da presidente pareceu excepcional aos olhos da escritora. Desde 1829, o Presidente da República, Sr. Gamarra, governava sob as ordens da mulher, a Senhora Pencha, que exercia o poder sem restrições. Seu governo foi marcado por muitas agitações e revoltas militares até 1833, quando teve que aceitar as novas eleições presidenciais e uma Convenção que votaria a alteração constitucional. Flora descreve Pencha como alguém fora do comum, forte e carismática. Dotada para o comando, era capaz de dominar apenas pelo olhar. O tom da sua voz era imperativo, seu caráter altivo, audacioso e discreto. Impedida, por ser mulher, de exercer o poder, tinha-se casado com um homem que podia servir de fachada às suas ambições e que a nomeara presidente. Ao referir-se a ela, Flora parece reconhecer uma superioridade das mulheres em relação aos homens, como fará frequentemente em outras descrições:

Esta mulher, (...) soube tão bem governar esse povo até então ingovernável, até mesmo para Bolívar, que em menos de um ano a ordem e a calma reapareceram; as facções estavam apaziguadas, o comércio florescia, o exército recuperara a confiança em seus chefes e, se a tranqüilidade ainda não reinava em todo o Peru, ao menos uma grande parte dela gozava (2000: 529).

Mas Pencha, vítima de ambições pessoais desmedidas, será destituída e pagará com o exílio e a humilhação o preço de sua glória. Ao vê-la derrotada, a escritora compreende que em nada valia o combate pelo poder absoluto (2000: 532): “seu despotismo fora de tal forma duro, seu jugo tão tirânico, tantos amores-próprios ferira, que uma oposição ferrenha se elevou contra ela”. O triste estado no qual parte para o exílio, doente e derrotada, desperta a piedade da viajante. Impressionada com a vulnerabilidade da Presidente, Flora reconsidera suas próprias idéias sobre a ambição e o poder.

A população indígena de Arequipa suscita na viajante uma visão bastante romântica e repleta da idealização do "homem natural" dos iluministas. Ela se refere aos índios com muito respeito, descrevendo-os como seres humildes e silenciosos, suaves, sensíveis e extremamente respeitosos da natureza e da fauna. Ao conhecer as *ravanas*, índias desagregadas que acompanhavam os soldados, admira nelas a liberdade que tinham, apesar da existência miserável. Descreve-as como mulheres "horripelmente feias", vestidas com trapos, a tez queimada pelo sol, porém dotadas de qualidades como a força e a coragem para suportar voluntariamente uma vida nômade: "As *ravanas* não são casadas, não pertencem a ninguém e são de quem as queira. São criaturas fora de parâmetro: vivem com os soldados, comem com eles, param onde eles se



demoram, são expostas aos mesmos perigos e suportam fadigas bem maiores” (2000: 349). Flora exalta o fato que, enquanto o índio preferia matar-se a ir para a guerra, estas mulheres suportavam todos os encargos, e enfrentavam, por vontade própria, todos os perigos.

O mesmo não ocorria com as escravas dos engenhos de açúcar de Lima. Durante uma visita, ao que Flora considera (2000: 501) "um magnífico estabelecimento, no qual se achavam quatrocentos negros, trezentas negras e duzentos negrinhos", ela se choca com a atitude cruel do dono para com seus escravos ao ver duas mulheres trancadas num calabouço por terem deixado morrer de fome suas crianças:

Ambas, inteiramente nuas, se mantinham encolhidas em um canto. Uma delas comia milho cru; a outra, jovem e muito bela, dirigiu para mim seus grandes olhos; seu olhar parecia me dizer: "Deixei meu filho morrer porque sabia que ele não seria livre como tu; eu o preferi morto a escravo" (TRISTAN, 2000: 510).

Diante dessas mulheres, cuja nudez evoca fragilidade e abandono, a viajante reconhece almas grandes e orgulhosas. Para ela, entre os negros que passavam bruscamente da natureza independente à escravidão, havia indomáveis criaturas que sofriam.

No Chile, conhece Madame Aubrit, uma senhora francesa que mantinha uma pensão, cuja história suscita seu interesse, pois ela também se deslocara para a América Latina por causa de um casamento infeliz, escapando de seu destino de pária.

Em Lima, descobre um novo universo feminino que contrastava com o de Arequipa. O que mais a impressiona é o traje tradicional das limenhas, que determina seus costumes, hábitos e seu caráter independente (2000: 482):

Essa vestimenta chamada *saya* compõe-se de uma saia e de uma espécie de saco que envolve os ombros, os braços e a cabeça, e que se chama *manto*. Ela é inteiramente plissada. Estas pregas são tão solidamente confeccionadas, dão a esse saco uma tal elasticidade, (...) bastante para desenhar todas as formas e prestar-se a todos os movimentos. Também o *manto* é artisticamente plissado, mas feito de tecido muito leve (...) é sempre preto, envolvendo por completo o busto; ele só deixa perceber um olho.

Graças à roupa, as limenhas podiam passear incógnitas, com elegância e liberdade de movimentos, em lugares públicos que freqüentavam a bel prazer e sem temor de serem mal consideradas. Além de muito graciosas e belas, eram também independentes e evoluídas: as mulheres casadas não adotavam o nome do marido, nem eram escravas das convenções como as européias. Pareciam, em estatura e organização, superiores aos homens. Porém, Flora não lhes poupará críticas, pois possuíam (2000: 485): "o coração enfadado, o espírito sem cultura, a alma sem nobreza, quando parecem não gostar senão de dinheiro, elas destroem no mesmo instante o brilhante prestígio de fascinação que seus encantos haviam produzido". Dotadas de uma rara



inteligência, dominavam os homens, participavam nas intrigas políticas e eram capazes de superar todos os obstáculos para chegar a seus fins.

### *Considerações*

Como esteve mais próxima da elite peruana, Flora Tristan não pode observar as nuances próprias ao condicionamento social a que outras mulheres estavam sujeitas, exceção feita para as escravas. A maioria das mulheres brancas tinha um papel preponderante na consolidação do regime colonialista espanhol e, por isso, eram afastadas de qualquer atividade política e produtiva. Não lhes restava outra escapatória além do "casamento ou do claustro", o que as transformava em vítimas das convenções sociais.

Contudo, os relatos da viajante expressam ora solidariedade às fragilidades dessas mulheres, ora admiração pela sabedoria, superação ou o aprimoramento pessoal que buscam. Alguns autores, como Cucho (1985: 24), consideram seus pontos de vista preconceituosos, dignos dos colonizadores estrangeiros, opinião compartilhada por Campra (1986: 70), que critica seu eurocentrismo. No entanto, os textos de Flora constituem um testemunho fiel e corajoso do que foram dez meses passados num país marcado pelo despotismo e o fanatismo, pela miséria, corrupção e a hipocrisia que incidiam diretamente sobre a vida das mulheres.

Ao voltar para a França republicana, disposta a entrar na luta social, divulga partes de seu diário através de artigos sobre a condição feminina no Peru e publica duas petições: "Petição para o restabelecimento do divórcio" e "Petição para a abolição da pena de morte", onde salienta a inutilidade de tal punição numa sociedade onde todas as injustiças induzem o povo aos crimes mais diversos. Na lista dessas injustiças, inclui a discriminação jurídica da mulher que a fizera sofrer penosas conseqüências. Daí sua aproximação com os reformadores sociais de vanguarda, como Robert Owen, Saint-Simon e Fourier.

Não surpreende o fato de que os primeiros exemplares de "Pérégrinations" que chegaram ao Peru tenham sido proibidos e queimados em praça pública. Nessa obra, há críticas abertas à sua família e à Igreja Católica, coniventes com o sistema escravocrata, que ela não cessaria de combater.

### *Referências*

AMARANTE, Maria Inês. Flora Tristan: jornalismo militante em tempo de revoltas. In: **Revista Katalysis**, Florianópolis, v.13, n. 1, jan/jun 2010, p. 110-118.



ARON, Jean-Paul. **Misérable et glorieuse la femme au XIXe siècle**. Coletânea apresentada por Jean-Paul Aron. Paris, Edition Complèxe, 1984, 250 p. (\*)

CAMPRA, Rosalba. La imagen de América en Pérégrinations d'une paria de Flora Tristan: experiencia autobiografica y tradicion cultural. In: **Palinure**: Universidad de Roma, 1985-86, p. 64-74.

CUCHE, Denys. Le Pérou de Flora Tristan: du rêve à la réalité. In: **Un fabuleux destin**. Flora Tristan. Dijon, 1985, p. 19-37.

DESANTI, Dominique. **Flora Tristan**. Oeuvres et vie mêlées. Paris: Union Générale d'éditions, Collection 1018, 1973, n° 584, 446 p.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PUECH, Jules-L. **La vie et l'oeuvre de Flora Tristan (1803-1844)**. Thèse. Paris, Librairie des Sciences Sociales et Politiques Marcel Rivière, 1925, 514 p.

VARIKAS, Eleni. Les femmes: des parias? De la métaphore au concept politique. Communication. Réunion-débat du 30 avril 1988. In: **Cahiers du Club Flora Tristan**, Paris, n° 24, 1988, p. 7.

TRISTAN, Flora. **Peregrinações de uma pária**. Trad. Maria Nilda Pessoa e Paula Berinson. Florianópolis: Ed. Mulheres; Sta. Cruz do Sul: Edunisc, 2000, 400 p.